



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa — Telefone 5338 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A' MARGEM DO BOM-SENSE

Sobre as iniciais A. M. — que tanto podem significar Anastácio Miguel como Asno Manifesto — apresentava anteontem a *República* uma série de considerações descachalhadas. Lá se tentava demonstrar que «as frequentes greves das classes proletárias, de estas que foram, passaram a ser descobertas e irritantes». Argumentos que escorrassem tal parecer não os continha o artigo de que falamos.

O autor não dá campo para controvérsia, e aqui nos encontramos nos embaraços para responder-lhe como cumpria. E' que o escrito de A. M. não tem ponta por onde se lhe pegue. Ele começa dum modo alveitado, épico, quasi, e diz assim:

Uma aragem de loucura perpassa neste momento sobre as classes proletárias.

Há a notar apenas que para apoiar a redondilha menor é insuficiente, e o sr. A. M., no período fielmente copiado acima, não consegue livrar-se de quele metro popular. Contudo, muito ganharia o prolegómenos do sr. A. M. assumindo uma mais apropriada disposição tipográfica. Assim, por exemplo:

Uma aragem de loucura perpassa neste momento. Sobre as classes proletárias.

O verso último, para completar a quadra, esqueceu-se o sr. A. M. de pô-lo. Provavelmente não encontrou rima. Se procurasse bem encontraria *jumento*, palavra com que terminaria a composição, deixando-a ao mesmo tempo assinada, quasi sem dar por isso. Mas o sr. A. M. não teve ocasião de procurar, porque as ideias lhe fervilhavam no cérebro. As quais ideias expõe, em linguagem capaz de deixar perder de vista o quimundo e o landim — como facilmente se comprova, pela transcrição exacta duma dum período:

Na greve dos operários municipais, as responsabilidades dos seus quotientes funestos, tanto cabem à incompetência-vera como a pessoal de limpeza e regas.

A subreptícia alegação dos quotientes funestos» mostra que o sr. A. M. limpa o estilo a algum caco; os operários municipais é que nos declararam já não serem possuidores de tais quotientes» nem de quaisquer outras berbiceiras funestas. Esta circunstância não anula, todavia, indignação do sr. A. M. contra o procedimento dos trabalhadores da Câmara. O sr. A. M. condena porque

... eles abandonaram o serviço num momento ondulante affecto à propagação de enfermidades infecciosas.

E' deliciosa, esta do «momento ondulante». Os operários, decididamente, deveriam aguardar, para abandonar o serviço, um momento mais oportuno. Quando, muito, muito. O ondulante é que se não admitte. Mas há mais. As responsabilidades dos quotientes não cabem ao pessoal da limpeza e regas. Numa prosa refinadamente galgosa, o sr. A. M. acentua as essas responsabilidades ca-

... do pessoal dos cemitérios, que deixou os cadáveres insuportáveis, à mercê da corrupção das intemperies sem pensar no que de grave daí poderia nascer e, por último, ao operário do matadouro municipal que devia ter a compreensão necessária da inconsciência do seu passo, em abandonar um serviço que iria prejudicar o ventre de uma grande cidade de 600-00 habitantes, deixando-a sem carne, uma das grandes bases da alimentação pública.

As tremendas e deploráveis, e o sr. A. M. nos aponta a «corrupção das intemperies» já passamos. Agora «a incompetência da inconsciência dos passados abandonar o serviço» é o fim de estarrecer. Coitadinhos, só uma chuva de penas poderia eficazmente pôr-côbro.

... desejariamos nós esquecer os particulares boleos do estilo A. M. para analisar ex-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Mais três mil

O país está pobre, o povo morre de fome e o Estado deve a toda a gente, até aqueles que o servem, como os professores primários. O Estado não tem crédito no estrangeiro, os políticos fazem fortuna à sua custa e as casas Nápoles metem nos cofres milhares de contos de comissões injustificáveis. O país está pobre, o Estado que apesar da sua pobreza, vai pagando a deputados, ministros e quejandos, não pôde aumentar os salários aos ferroviários, obrigando-os a ir para uma greve que já lhe deu de prejuízo mais de duas vezes a importância do aumento perdido. O país está pobre, nunca o Estado teve tanto automóvel ao seu serviço, dentro dos quais passeiam meninas, que, certamente, fazem serviço nas secretarias. O país está pobre. O Estado não cuida de desenvolver as riquezas naturais nem obriga os lavradores a cultivar trigo. O país está pobre. A pobreza é a fome; a fome é a revolta e a revolta reclama mais bem-estar. O povo não tem bem-estar nem sabe o que é isso. O povo é mais pobre do que o Estado, porque este ainda escorre para alguns e o povo passa fome. O Estado não pode entrar em despesas, não pôde aumentar os vencimentos aos funcionários nem aos ferroviários, não pode. Vota-se, pois, mais um crédito de três mil contos para meter na ordem os que reclamam.

Quantos comerão à custa do crédito? Hásete e tantos dias que Lord Mayor de Cork não come. E' um record, dizem por aí os jornais com frases de exclamação de espanto, de horror. Em toda a parte se lamenta a sorte do Lord. Muito bem. Nós não o lamentamos e a razão é simples: Lord Mayor de Cork há cerca de setenta dias que não sabe, nem precisa saber o preço das subsistências. Se Cork vivesse em Portugal se se alimentasse mal gastaria, pelo menos, cinco escudos diários. Vejamos os leitores quanto Lord de Cork conseguiu poupar — 350000. Cork tem fortuna, é pena. Se não a tivesse fazia-a agora.

A cura Tem os jornais estrangeiros e alguns portugueses, feito largo reclamo das curas maravilhosas da tuberculose. Ora, nós não duvidamos da intenção benemérita dos médicos, que se dedicam com afin a descoberta de meios que anulem a perniciosa doença. Simplesmente discordamos da forma como eles querem combatê-la. Que nos importa que haja estabelecimentos admiráveis para a cura da tuberculose, se não se evita que todos os dias os homens se tuberculizem? Que lucra a sociedade com um estabelecimento assim? Se as oficinas fossem higiénicas; as crianças cuidadas com carinho; as casas amplas, cheias de luz e de ar puro; os alimentos puros; os banheiros bastantes; as ideias sobre a ginástica e higiene bem divulgadas; as condições de trabalho mais humanas; o alcool acabado; o tabaco abandonado; etc., etc., não lucraria a sociedade do que com simples estabelecimentos de cura? Fazer com que o homem viva em melhores condições não contribuiria muito mais para a saúde do povo do que um remédio maravilhoso, que então se aplicaria apenas aos casos excepcionais? Não valia muito mais atacar as causas do que preocupar-se apenas com os efeitos?

Associação dos Trabalhadores Rurais de Pinheiro Grande

Comunicamos-nos os camaradas trabalhadores rurais de Pinheiro Grande, que os inimigos da organização operária daquela localidade, perseguem jesuiticamente a sua novel associação de classe, que, embora não esteja definitivamente organizada, nela não se tem tratado senão dos trabalhos preliminares para a sua definitiva constituição.

Não vêm com bons olhos os proprietários do sítio que os trabalhadores se organizem para defender as suas reivindicações e por isso provocam-nos constantemente, acusando-os de ter ligações com sociedades secretas, de boicostes, etc., só com o fim único de os indispor com a população.

Como se tivesse dado um incêndio na propriedade de Bernardino Vaz Monteiro, cobardemente acusaram aqueles camaradas de serem os seus autores. A vingança dos proprietários foi ao ponto de conseguirem que fossem presos os camaradas Joaquim Ferreira Sico, Manuel Ferreira, António Vicente dos Santos, João Moreira, Gualdino de Almeida Seixas, que é tesoureiro da associação, e José dos Santos Ferreira.

E' certo, porém, que já foram postos em liberdade, mas continuam os inimigos dos trabalhadores a premeditar novas vinganças, dizendo que farão encerrar a associação de classe.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perseguições à organização operária vão-se tornando irritantes, e, convido que o racionalismo de todas as cores não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pôde conseguir.

O caso de Pinheiro Grande repete-se nas restantes terras do país, com certa frequência, parecendo que os nossos inimigos se conluam para dar um golpe de morte na organização operária.

Porém, não o conseguiram, mas no entanto temos de estar alerta para evitar possíveis surpresas.

A trilogia simbólica

Eu não sei bem, mas cuido ter lido um dia, algures, que as nações tem os governos que merecem; parece-me também, que anda, impresso, correndo mundo um conceito segundo o qual, os governos democráticos devem ser a resultante de uma selecção metódica dos valores mentais das sociedades que os elegem.

E' verdade! E' assim! E quando pudessem carcer de fundamento, tam diamantinas verdades, o que no presente momento se passa com a sociedade portuguesa, seria a demonstração que, intuitivamente, as justificaria.

Uma nação, que, consente vida a um governo chefiado pelo Sr. Grunjo, tutelado pelo Sr. Liberato Pinto, e instruído pelo Sr. Dantas... pôde, porventura, ter mais alguma aspiração? Uma nação, que tendo a presidir ao seu destino tam preclaros varões, tem ainda a felicidade de alimentar em seu seio aquela tam selecta assembleia — que põs ali no pombo de S. Bento — uma nação, que tem diplomatas subitimos ao azo de mosca, financeiros absolutamente inocentes, uma nação assim, uma nação que tal consente, uma nação em que todos os valores servem de fundo a tais fenómenos, certamente essa nação tem o que merece, mas, merece ainda mais do que tudo o que o destino lhe dá.

O governo é o símbolo, um símbolo trifurcado, desta mesquinha vida nacional. O Sr. Grunjo, politico-liberal, permitindo, sancionando com a sua autoridade o «ultraje constante de todas as liberdades».

O Sr. Liberato Pinto cuidando que a ordem se mantém a patas de cavalo e a granadas de mão.

O Sr. Dantas, interessando-se em pôr em scena a *comédia-nacional*, podendo mesmo ir disputar algumas ideias aos ratos da Biblioteca.

Esta trindade tam harmonicamente composta por linhas janotas de vaidade, de raptos de inconsciência e monumentos de ignorância, esta trindade, ha-de levar-nos... aonde? Oh! Certamente perto e... mau caminho!

Pois bem! Nós, não iremos!

O Sr. Grunjo, pôde gabar-se de levar pela arreata o capitalista, a *força-viva*; pôde à vontade delirar sobre a odisséa celebradora do seu talento, pôde levar a reboque usando, licitamente, aquela força de que providencialmente foi dotado, todos os inuteis, todos os tolos, todos os ambiciosos.

O Sr. Liberato Pinto, pôde ordenar o avanço de todos os cavalos, de todo esse material de destruição que lhe aprouve armazenar.

Pode o Sr. Dantas roubar a qualquer amada os cabelos para a guitarra. Cante à vontade!

O mais que poderemos é dar-lhe uma cédula de meio tostão, que pouco mais valia agora do que dez reis...

A Trindade... *motriz*, arrastará os outros, a nós?? Não.

Nós sabemos resistir, e havemos de vencer porque estão do nosso lado a justiça, o direito, a liberdade.

Não? Não. Nós temos do nosso lado: a justiça em nome de quem prendem os nossos camaradas, o direito cuja garantia nós recusamos, a liberdade em defesa tantos dos nossos tem tomado para sempre.

Ouvir, Sr. Grunjo? Nós, não iremos... nem mesmo a pau e corda.

JOÃO DA BEIRA

Aos operários da Construção Civil

Do Sindicato Único da Construção Civil, recebemos a seguinte nota:

«Camaradas: Este Sindicato teve conhecimento de que o facto previsto na nossa nota inserta em *A Batalha*, de ontem, consumou-se. Pois constatou, com a mais profunda indignação, que houve na nossa indústria operária que se prestaram ao vil papel de atiraçoar os camaradas do Município, que lutam por uma causa justa.

Actos desta natureza são de molde a fazer tremor de indignação todos os que se prezam de pertencer à Indústria da Construção Civil.

Para que este tam grave assunto seja debatido, são convidados todos os operários da indústria, com especialidade os que trabalham nas obras do Estado, a reunirem hoje, pelas 17 horas, em sessão magna, na sede do Sindicato.

OS TRABALHADORES DO IMPRESSO tratam da sua situação

E' hoje, às 16 horas, que a comissão encarregada de estudar as reclamações a fazer pelo pessoal redactorial dos jornais às empresas jornalísticas, apresenta o seu relatório na assembleia magna dos redactores, reportes, informadores, revisores e correspondentes dos diários portugueses, que se reunirão na Associação dos Trabalhadores de Imprensa.

Requerimento de um grupo de sócios, a assembleia geral desta colectividade foi convocada para terça-feira, às 17 horas, a fim de deliberar sobre essas reclamações.

Empregados das administrações de jornais

A comissão encarregada pelos empregados das administrações dos jornais de elaborar o projecto de estatutos para a fundação da respectiva associação de classe, concluiu ontem os seus trabalhos, os quais serão submetidos à apreciação da assembleia magna que se realzará na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, na Associação dos Trabalhadores de Imprensa, rua das Gáveas, 54. 1.º

A MORAL INFANTIL

A praia tinha a animação habitual; banhistas de todas as idades e de ambos os sexos davam-lhe aquele todo agradável que delicia os olhos hâvidos de espectáculos encantadores. O mar impunha-se naquela manhã pela sua beleza acariciante, digno da pena laureada dum Hugo e do pincel delicioso dum Rafael.

Aqui e ali, crianças adoráveis, umas na idade inocente em que uma conchinha de cores variadas é o supremo encanto, e outras mais velhas, já quasi senhoras, impondo-se pelo seu esplendor ar de donselas prometedoras e pela sua estética natural, verdadeiramente esplendida. Formam-se grupos, discutindo-se com calor. A um lado discute um grupo de meninas entre os 15 e os 18, qual delas tentando impor a sua opinião: afirma uma que o Grande-lá é onde se vendem os mais artísticos *laccs*; outra que o Louvre é o armazem bem sortido onde as senhoras de bom tom encontram tudo que lhes é necessário; outra ainda diz que não, que o *Printemps* é que dá verdadeiramente a lei da moda. Como vêem, um tempo bem empregado...

Mais adiante, do meu lado esquerdo, forma um pacato grupo de bons e pacíficos burgueses, olhando desconfiados um boquevisita que leva a ousadia de visitar a praia, atitude que quasi provoca protestos de s. ex.ª, habituados a terem o exclusivo das delicias que se gozam na vida... Percebo-lhes estas palavras filhas de Machiavel: «Vejam! E diz-se socialista aquele tipótipo! Aqui, na praia, como qualquer de nós». Estas palavras definem a inteligência e a moral burguesa.

Em geral entende a burguesia que o homem de ideias não tem o direito de gozar um pouco... Grandes inteligências...

Diviso outro grupo do meu lado direito: um papá todo arrebiado para os meninos, uma mamã tentando livrar a prole dos suaves raios solares, não vão eles torrar um pouco a pele macia dos peizinhos; duas ou três criadas desfazendo-se em contumélies, e mais três ou quatro criaturas. Ao todo umas dez pessoas. Fa-la se de tudo, esquecendo-se, porém, o mais santo de todos os princípios, o princípio humano.

Inesperadamente surge um cavalheiro com um passatiro preso nos seus negros dedos de algos. Não julgue o leitor que este cavalheiro deu às crianças uma lição de moral, deixando voar o passatiro para o campo imenso da liberdade. Não. Este cavalheiro, que todavia dia mal do boquevisita e de tudo que a sua pobre inteligência não compreende, fez o contrário: atou um fio iníquo a uma das dêbeis pernitais da triste ave, entregando-a em seguida a um dos meninos, que se dispunha a torturar o inocente alado.

Porém, num momento, como que envidado por um ser superior que distribui Amor e Justiça, aparece uma criança linda, linda como o seu gesto, que, impetivamente, se dirige nestes termos aos circunstantes:

«Que lindo! Ah! Que lindo passarinho! Deixem-no ir, deixem-no ir beijar os irrisosinhos, pois que ele, como eu, como todos, também os tem para beijar! Deixem-no ir!... E, juntando o acto às palavras, cortou-lhe o cordel atroz que lhe roubava a vida, deixando-o voar. Ah! Como é bom saber que a flor do sentimento e da inteligência conserva todo o perfume estonteante das suas divinas pétalas!...

Encantou-me aquela criança linda, filha de burguezes perversos... Pobre anjo, como te lamentou! Amanhã, um pouco mais tarde, dir-te-ão mentirosamente que existem duas classes separadas: a dos senhores e a dos escravos... E tu, que hoje tens um coração bondoso, podes vir a perverter-te. A tua moral, criança linda, revelada no teu soberbo gesto de Amor pelos seres inferiores, é verdadeiramente imponente, a amostra encantadora da moral infantil.

GONÇALVES CORREA

Funcionalismo público

A reunião magna do funcionalismo que estava marcada para hoje, no Teatro Salão dos Anjos, a convite da respectiva Associação, já não se effectua em vista do governador civil a julgar ilegal e inoportuna.

Uma comissão de funcionários iniciou já *demarches* no sentido de ser aberta a Associação, que o governador civil mandou encerrar ante-ontem, sob o pretexto que não estava legalizada. Este acto das autoridades está provocando os protestos do funcionalismo, tanto mais que por intermédio da sua Associação tem oficialmente sido tratado, junto do presidente do ministério e ministros das Finanças e Colónias, o assunto da equiparação de vencimentos sem que até hoje tenha a sua intervenção ocasionado quaisquer reparos, bem como junto do Congresso da República.

Instituto Superior Técnico

O corpo docente deste estabelecimento de ensino enviou ao Sindicato Unico Metalúrgico um convite para visitar a exposição de trabalhos gráficos feitos pelos alunos durante o ano lectivo findo.

O Sindicato, por intermédio da Comissão Técnica e de Melhoramentos, visita hoje, às 14 horas, a referida exposição e espera que os metalúrgicos visitem à mesma hora o referido instituto.

Trabalhadores: Lêde e propagai

Trabalhadores: Lêde e propagai

AS GREVES

Os ferroviários

Iniciaram-se as negociações entre o Conselho Jurídico da C. G. T. e o governo

Demonstraram sempre boa vontade os ferroviários em resolver o conflito em que foram obrigados a lançar-se, nunca tendo mesmo a pretensão de chegar a esse extremo.

Os factos que vimos constantemente relatando, e que são verdadeiros, devem ter esclarecido suficientemente a opinião pública.

Em redor da greve ferroviária tem-se bordado as mais inconcebíveis mentiras, na intenção visível de indispor aquela classe com a população do país, porque ela reclama mais um pouco de pão e de justiça.

As negociações com o governo, foram já iniciadas por intermédio do Conselho Jurídico da C. G. T., intervenção esta que os ferroviários aceitaram, provando assim que o seu intuito é bem demonstrativo de conciliação, ao que, aliás, nunca se negaram.

Esperemos, portanto, os resultados dessas negociações, na convicção de que o governo não querará eternizar um conflito que agrava a situação económica de todo o país.

Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal

Pelas 17 horas de ontem conferenciaram com o presidente do ministério e ministro do comércio, as comissões dos ferroviários do Estado e da C. P., com a assistência do Conselho Jurídico da C. G. T. e do respectivo secretário geral.

As negociações prosseguem hoje, com nova conferência, já marcada pelo ministro do Comércio.

No entanto, a greve continúa no Sul e Sueste, C. P. e M. e Douro, aguardando o pessoal os resultados destas conferências.

Todos os sindicatos ferroviários continuam encerrados.

No Minho e Douro

Os ferroviários do M. e D., reuniram em assembleia magna, ratificam a confiança ao Comité Central e resolvem prosseguir na luta.

PORTO, 20.-C.—O movimento grevista no Minho e Douro ainda não sofreu alteração alguma, a despeito dos esforços das autoridades. O chefe do distrito, segundo informações fornecidas por um grevista, aconselhou a que os ferroviários nomeassem uma comissão afim de se dirigir às vias competentes e estabelecer um acordo para a solução do conflito. Para isso a mesma entidade passaria uma espécie de credencial, facilitando o melhor acolhimento possível por parte do governo.

Não foi feliz, porém, nos seus deslojos o governador civil, porque os ferroviários, que ainda não estão cansados da luta, suberam acatular-se da rede. O mesmo chefe do burgo, na louvável intenção de ser agradável, permitia que as suas portas para os grevistas effectivas a sua reunião magna, finda a qual deviam novamente ser fechadas pela policia.

Tiveram muita pena, mas os ferroviários em greve não quiseram servir de oferimento, pelo que foram reêntr no salão da Tuna dos Empregados dos Caminhos de Ferro.

A União Ferroviária, legalmente constituida e, portanto, arbitrariamente encerrada, deve ser reaberta definitivamente e não apenas por uma ou duas horas.

A reunião dos ferroviários, consentida, apesar de tudo, pela autoridade superior do distrito, foi imponente, contribuindo para isso o facto de não haver, os grevistas em globo, trocado impressões há muitos dias, visto que a liberdade de reêntr estava interdita.

O salão da aludida Tuna encheu-se literalmente, notando-se em todas as fisionomias uma boa disposição para o prosseguimento da luta até o completo triunfo da sua causa.

Antes de principiar a assembleia, todos os assistentes conversavam animadamente, comentando as diversas fases e peripécias do movimento.

As 20 horas foi constituída a mesa, presidindo Vitorino de Almeida, da C. P., que teve como secretários Antonio da Silva, chefe dos maquinistas do M. e D., e Carlos Guimarães das oficinas das mesmas linhas.

Em primeiro lugar, fez uso da palavra António M. Barros, que descreveu o que se passou entre uma comissão e o director do M. e D. e o governador civil — conferência inútil, aliás, porque aquelas entidades apenas se tem esforçado por enganar a classe ferroviária.

Outros oradores se lhe seguiram, sendo todos concordes em verberar o procedimento das comissões isoladas, que se tem idoneidade precisa para o desempenho de missões que ninguém incumbiu, terminando por reconhecer que não o Comité Central tem competência para tratar da questão.

Depois de vária discussão, foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que as comissões de carácter isolado e individual contribuem para a desorganização e desprestígio da classe, Considerando que estas comissões, que não tem nomeação legal, causam sempre sérios embaraços, prejudicando não só os interesses morais da classe em geral, como a autoridade e confiança das camaradas dirigentes do movimento, nos quais todos nós confiamos a solução d's nossas justas reclamações,

Considerando ainda que, procedendo assim, dão origem a que a questão seja protellada por tempo indeterminado, impossibilitando o nosso Comité Central de encetar

as suas *demarches*, com as entidades que julgar mais convenientes, para que o nosso justo movimento termine de uma forma brilhante e honrosa, não só para nós, ferroviários, como para toda a classe trabalhadora, facto este que muito nos nobilita;

Os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia magna, resolvem, em conformidade com as notas officiosas enviadas, ontem, 17, Tuna ferroviária e cooperativa dos maquinistas e fogueiros, reiterar a sua confiança aos comités dirigentes do movimento, reconhecendo só a estes o legitimo direito de conferenciar ou solucionar a questão que aos mesmos foi entregue. — (Porto 20-10-20). — Bernardino Pinto de Costa.

A seguir tratou-se de todas as *demarches* levadas a cabo para que todo se resolvesse sem necessidade de recorrer à greve, a qual, se não pôde ser evitada, foi devido à forma incorrecta como o sr. Grunjo recebeu as comissões, chegando a insultar o brio da classe ferroviária, e querendo amesquinhar, pela força das armas, os seus camaradas do S. S.

De resto, os oradores entenderam que, reconhecendo o ministro do comércio o direito à greve, não fazia sentido, e nem se pôde explicar semelhante atitude, que o governo mandasse encerrar as associações ferroviárias, pretendendo assim, pela falta de comunicação entre os grevistas, disseminados e acossados pela força pública, fazer abortar o movimento, o que não conseguiu e, creem, já mais conseguirá. Aludiram igualmente aos decretos militares, que colocam em situação de escravos, pelos seus rigorosos, absurdos e casermeiros pontos disciplinares, os ferroviários do Estado.

A assembleia manifestou-se entusiasticamente pela continuação da greve, enquanto não forem satisfeitas as suas reclamações e abolidos os ukases que brigam com a sua dignidade de homens e de profissionais, reabrindo também os sindicatos ferroviários.

Entre aclamações à greve, à união dos ferroviários e dos trabalhadores, foi aprovada mais esta moção:

Considerando que o nosso recente movimento grevista tem por essencial objectivo o consequimento dumas melhorias de situação, a qual, apresentadas ao governo no dia 1 de Setembro por uma comissão de melhoramentos nomeada legalmente pelas associações, como legítimas representantes da classe;

Considerando que essa comissão de melhoramentos trabalhou airosoamente, procurando conseguir das classes dominantes melhorias económicas, atendendo-se às reclamações dimanadas da classe;

Considerando que o governo, nas suas *demarches*, sistematicamente desprezou as nossas reclamações económicas, atribuindo a comissão de melhoramentos as mais baixas e infantis intenções, de que queriamos esmorecer a náclio;

Considerando que, quando serenamente a dita comissão procurava estabelecer a concórdia numa plataforma, dispondo-se assim a classe a não prejudicar o publico como conflito de interesses, o sr. Grunjo insultou a classe, vibrando-lhe golpes depredantes vexatórios;

Considerando que o governo pretendeu conspurcar a sua dignidade, e a dignidade dos nossos camaradas de trabalho do Sul e Sueste, subjugando-os a uma situação ignominiosa e intolerável dentro dos progressos da classe, fazendo com que todos os serviços fossem militarizados e ocupados militarmente;

Considerando que, reconhecendo o ministro do comércio o direito à greve, após poucos dias foram encerradas as nossas associações, pretendendo aniquilar a nossa voz e a existência legal desses baluartes, tais como rezam os 3 decretos que sujeitam os ferroviários a todos os serviços, agravando-lhes os seus direitos e as suas disposições disciplinares;

Considerando, pois, que a greve temna alimentada por uma moral de transcendental importância, a classe aqui reêntrada, resolve:

1.º Firmar os poderes constituídos consciência dos seus deveres para a conquista dos seus direitos, aceitando como bons as negociações feitas para a solução do conflito da greve, só pelo nosso comité central;

2.º Manter energicamente o nosso espírito de solidariedade contra os maneios de apas com que alguns, com processos reservados, nos tentam intimidar;

3.º Insistir pela revogação desses decretos, reabertura das associações de classe e desmobilização no Sul e Sueste;

4.º Confiar nas *demarches* realizadas ou a realizar com o nosso comité, dando-lhes plenos poderes de resolver a questão com honra e retomando o trabalho só quando os delegados desse comité apparecerem na nossa sociedade e si deliberarem, apresentando-lhe o diário ou as bases conciliatórias da solução de autonomia da sua dignidade e dos seus direitos;

5.º Perante tudo isto, continuar sem heitações na luta, irmanada com os seus camaradas da C. P., não cessando a ouvir as truces ou intuições do governo ou direcção.

— (a) Carlos Guimarães.

As dactilógrafas e telefonistas dos caminhos de ferro também reuniram ontem para apreciar a marcha do movimento grevista e suas causas. Resolveram, ao cabo de alguma discussão, só retomarem o serviço depois das justas reclamações da classe serem satisfeitas.

— Os ferroviários que estavam detidos foram restituídos à liberdade, visto que a policia da segurança do Estado nada conseguiu apurar sobre terríficos e prováveis *complots*.

— Entra os grevistas do M. e D., tanto desta cidade como das diferentes localidades das linhas, foi distribuido mais um manifesto, de quea policia em Viana do Castelo, conseguiu aprender muitos exemplares. Desse manifesto, editado pela Delegação do Minho (Viana), reconto as passagens mais importantes:

As notícias dos jornais que diariamente se lêem são, em regra, tendenciosas, não passando dum chorrião de mentiras, com as quais se pretende ludibriar a boa-fé do publico e diminuir o entusiasmo dos ferroviários. Afirmam esses jornais que o serviço está quasi normalizado, quando preclamente não é. Não cessamos de ouvir a solidariedade manifestada pelos nossos camaradas tem-se tornado deveres indefectivel.

A luta é a vida. Por isso os ferroviários conscientes se sentem entusiasmados com este nobre movimento, afirmando com alívio a sua virilidade na defesa das suas reclamações e da sua liberdade ameaçada pela pata do despotismo.

Nada de sustos! Os ardis e os trucs tem sido preparados com o intuito de nos amedrontar de nos arrefecer o animo e causar-nos arrepios de nimia. Mas até agora tem sido infructiferas tais artimanhas que não tem dado os resultados que seus autores ambicionavam. O toque, das officinas gerais, faz-e todos os dias, inutilmente, sem que qualquer operário queira saber das ameaças de demissão, e a pretendida apresentação do restante pessoal é uma burliada. Agora, desesperados com a nossa resis-

10.º—Exercer as mais atribuições que lhe

DIAS AMADO 556

Art. 23.º—Ao Conselho Fiscal competem as atribuições estabelecidas no art. 176.º do Código Commercial.

Da dissolução e liquidação

Art. 30.º—A sociedade dissolver-se há nos casos especificados no Código Commercial. §. 1.º—A sociedade se dissolve, se for liquidatária nomeados pela Assembleia Geral.

Art. 32.º A liquidação far-se há nos termos da legislação applicável e os fundos ou

Art. 35.- O ano social será o ano civil.

Art. 36.- Todas as questões que se possam suscitarem entre as cooperativas federais serão sempre resolvidas por arbitragem.

Art. 35. Para todas as outras questões em que o Federato e particularmente, será competente o foro da comarca de Lisboa.

Art. 36. E' expressamente vedado á Federação, e á seus associados, assumptos de natureza politica ou religiosa.

Art. 37. Os cargos sociais serão desempenhados pelos delegados das cooperativas federadas, figurando na lista de eleição o nome das cooperativas que representem.

Para o cargo de Director-Gerente figurará na lista de eleição o nome de um dos seus membros, e para o cargo de Administrador, o nome de um dos seus membros, e para o cargo de Fiscal, o nome de um dos seus membros.

do útero e ovaricos, as chagas, varizes, lepra, tuberculosos ossas, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e de doenças causadas pela impureza do sangue.

Depósito geral — Casa do autor — Farmácia Lusa Branca

legado, cujo mandato durará por todo tempo que exercer aquele cargo.

§ único.—Nenhum delegado poderá representar mais de uma cooperativa.

Art. 58.—Nos casos omissos neste estatuto observar-se há o disposto no Código Comercial e demais legislação vigente.

Porto—Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327m

depois de pagos os seus débitos à Federação, tem direito a receber a parte do capital que lhe competir nos termos deste estatuto.

§ único.—A Federação não é porém obrigada a pagar de pronto a parte líquida dos associados excedentes de 100 scellios, podendo pagar a cada um na razão de 10 º mensalmente e pela ordem por que saíram da sociedade.

CAPITULO IX

Disposições transitórias

Art. 41.º - Até à primeira Assembleia Geral ordinária gerirá os negócios da Federação a comissão composta por um delegado de cada um dos seguintes associações:

Electivos: A Cooperativa Fabril Naval, a Cooperativa Militar, a Cooperativa dos Agricultores do Entroncamento, a Cooperativa «A Pedreira do Povo», e a Cooperativa de Consumo Operária «A Fênix».

Suplentes: a Cooperativa dos Empregados da Exploração do Porto de Lisboa e a Pensionista do Pessoal da Imprensa Nacional.

Parágrafo único: Um membro desta comissão, por escolha da mesma desempere-

ceiros de todas as qualidades e concertos.

Há sempre grande sortido de cestos em todos os feitos.

Única casa que, em Portugal, accede grandes encomendas por preços sem competência.

Calçada do Monte, 31
LISBOA
ALBERTINO LOEBS

Assim o disseram outorgaram, do que
dou fé, em presença das testemunhas se-
nhores José Carlos Pinto, casado, emprega-
do no comércio, morador no Largo da
Luz, número um em Carande, e Antonio
Marques, casado, empregado no comércio,
morador na rua Afonso Penedo, número
vinte e seis, terceira andar, os quais assinaram
nos presentes e rombo notário

depois desta escritura ser por mim lida em voz alta perante todos.

Foram-me apresentados os seguintes documentos—Certidão expedida no Ministério de Comércio comprovando se há *haber* certidão *do* *haber* sociedade com denominação igual à adotada por esta Cooperativa, ou por tal forma semelhante que possa induzir em erro o público, diria na época, a ser depositado cooperativista de ter

Sejam economicos
Comprestem bem e barato

Só na ALFAIATARIA JANOTA.
Onde se viram fatos e sobornos ligados a todos os setores da economia.
Aceitem-se fatos a feitoria.

lido feito em sete do corrente o depósito de livros, documentos que arquivou para os fins legais.

Abaixou-se pago por estampilhas o imposto do selo devido no valor de dezeneze escudos e no valor de cinco centavos.

Jose Maria Andrade Saraiva.

Antonio Maria Pinto Cardoso Salgado.

Jose Maria de Carvalho.

Antonio de Carvalho.

Jose Malaquias.

Jose Maria de Carvalho.

Bom execução e rápidos.

Variado sortido de fazendas a preços sumidos.

Rua do Sol ao Rato, 215, loja 1 e andar, esquina S. João dos Bemados.—(Elétrico à porta, carro da trêla)—Postal a S. Madeira.


CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS
Extrações dentes por anestesia e
cial. Colocação de dentes fixos e com pla
25—RUA da ASSUNÇÃO—23
(Esquina da R. da Prata)

tem coladas e devidamente inutilizadas pela assinatura: José Pêres de Noronha Galvão, e em cada uma a data de nove de julho de mil novecentos e vinte, estampilhadas fiscais na importância total de vinte escudos e quatro centavos e mais estampilhadas mais de contribuição industrial no valor total de dois escudos e quarenta centavos.


AOS MARCENEIROS

Folha de fantasia para interior de mobílias tais como corvile, zebra, sico-



rosa, carvalho, não de perdiz, flor e
pau santo, sico-mór.
Vende **SABINO DA SILVA**—Largo
dos Inglesinhos, 50.

ISQUEIROS


Não me ralo!

A melhor pedra para isqueiros,
vende-se na Tabacaria, no Largo
do Conde Barão, 55 e no quios-
que, no mesmo Largo. 374

Vou ali à **CHAPELARIA** LIMA e
TANA, e por um preço baratinho,
mo, compro um chapéu bom, bonito
to, bem acabado e duma solidéz empec-
tada.

Peles Fazem-se novas e transformam-se. Preços módicos.
Travessa dos Inglesinhos, 3, 2º, di-
reito. 373

CHAPELARIA LUZITA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 41

Chapelaria A SOCIAL

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mesclas em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole

ESPECIALIDADE

Chapeu novo,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativ



EM CHAPEUS
DE SEDA
E
FELICIAÇÃO

A SOCIAL
Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.^o andar.
ESTABELECIMENTOS
Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.^a Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.^a Sucursal: — Rua do Carmo, 20.

Fábrica de bonets
Chapen modelo laurás (Exclusivo)

11-10-11-12-13-14-15-16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100-101-102-103-104-105-106-107-108-109-110-111-112-113-114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000-1001-1002-1003-1004-1005-1006-1007-1008-1009-1010-1011-1012-1013-1014-1015-1016-1017-1018-1019-1020-1021-1022-1023-1024-1025-1026-1027-1028-1029-1030-1031-1032-1033-1034-1035-1036-1037-1038-1039-1040-1041-1042-1043-1

This image shows a blank, aged, cream-colored page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured appearance with some faint smudges and discoloration, characteristic of old paper. The right edge of the page shows the binding of the book.

no. 1. 2

no. 1. 2